
ASPECTOS DO EROTISMO EM GUIMARÃES ROSA

Brenno da Costa Carriço Oliveira¹
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda²

RESUMO: Este artigo investiga o modo como o *interdito* e a *transgressão* se tornam aspectos congruentes da dinâmica erótica de “Buriti”, de João Guimarães Rosa (1908-1967), novela de *Corpo de baile* (1956) que se caracteriza por sua linguagem sensual. Dividida em três blocos narrativos, esta exposição analisará apenas a primeira parte da referida obra, com base na Estética da recepção de Hans-Robert Jauß (1921-1997) e nos estudos de Georges Bataille (1897-1962) acerca do erotismo.

PALAVRAS-CHAVE: “Buriti”. Guimarães Rosa. Erotismo.

ABSTRACT: This article investigates how the *interdict* and *transgression* become congruent aspects of the erotic dynamic of “Buriti”, by João Guimarães Rosa (1908-1967), novel of *Corpo de baile* (1956) which is characterized by its sensuous language. Divided into three narrative blocks, this paper examine only the first part of the above novel, based on Aesthetic of Reception by Hans-Robert Jauß (1921-1997) and in studies of Georges Bataille (1897-1962) about eroticism.

KEYWORDS: “Buriti”. Guimarães Rosa. Eroticism.

¹ Mestrando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Bolsista CAPES, com pesquisa acerca das representações culturais na obra de Guimarães Rosa.

² Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000) e pós-doutor em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa (2007). Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA).

I.

[...] em toda essa calma confortável e na circunstância de existir nesse silêncio, muita coisa que carece ser escutada revela precisamente que nele há um enorme turbilhão e que todas as tuas sensações de paz não passam de ilusões. Estes pássaros trocam arrulhos somente porque querem fazer amor; estas abelhas e libélulas, estes besouros agitam-se, impelidos pela fome; da relva ressoam secretos rumores de milhares de formas de luta pela vida [...]. Eis o verdadeiro conhecimento do ser.

(Thomas Mann)³

É na medida em que a temática do erotismo e a experiência estética do leitor se configuram enquanto aspectos congruentes da recepção do objeto literário que a relação a qual este artigo propõe, isto é, examinar o modo como se efetua a dinâmica que ocorre por meio da interdependência do *interdito* com a *transgressão*, se tornou possível, sendo sob tal perspectiva que se procederá à interpretação de uma das narrativas de Guimarães Rosa menos referidas pela crítica, desde sua publicação, em 1956: “Buriti”, título que, constante no ciclo novelesco de *Corpo de baile*, se destaca das demais estórias do autor, pelo caráter sensual da linguagem.

Por conseguinte, é ao atentar para a pluralidade de percepções que emanam desses signos que compõem a obra em questão — a começar pela imagem da dança, figurada na expressão que dá nome ao corpo, o *Corpo de baile*, e a findar com elemento fálico ao qual a palmeira-título, o “Buriti”, se reporta — que os efeitos artísticos projetados pelos diferentes horizontes de leitura da trama permitem articular a Hermenêutica literária ao campo da Antropologia, Filosofia e outras Ciências humanas, com o intuito de empreender uma análise que dê conta de captar tais especificidades presentes no texto rosiano.

³ Cf. no original: *Die verstauchten Köpfe. Eine indische Legende*. Stockolm: Bermann-Fischer, 1940, p. 30-1: „du bist in des Umtriebes ruhender Mitte. Und dabei ist die Lauschigkeit hier, und daß es so mancherlei zu belauschen gibt in dieser Stille, doch gerade des Zeichen, daß es umtreibt darin mit größter Geschäftigkeit und all deine Friedensgefühle nur Einbildung sind. Diese Vögel girren einander zu, um Liebe zu machen, diese Bienen, Libellen und Flugkäfer zucken umher, vom Hunger getrieben, im Grase rumort es heimlich von tausendfachem Lebensstreit [...] Das ist die wahre Wessenerkenntniss.“

Logo, para a feitura deste artigo, contar com o aporte metodológico da *Rezeptionsästhetik* pensada segundo Hans Robert Jauß, embora indispensável, seria insuficiente aos propósitos desta investigação, sem a baliza teórica de Georges Bataille, principalmente aquela formulada em seu *L'érotisme* (1957).

Explicitados os procedimentos dos quais, aqui, se valerá, e que possibilitam conferir uma abordagem estético-recepcional ao o texto-base literário — porquanto a atribuição do valor e de toda espécie de sentido de uma obra se dá pelo liame entre ela e o público, em um período qualquer — cabe, ainda, ressaltar que esse diálogo é reforçado, bem como determinado, pelas expectativas coetâneas do leitor. Dessa maneira é que o erotismo, como um dado fundamental da *vivência interior* de cada sujeito, ao ser elaborado enquanto experiência significativa pela arte e submetido à compreensão do indivíduo em cada época, demanda sempre um novo entendimento da parte deste.

Isso se justifica porque, sendo o *interdito* uma norma social convencional, a *transgressão* que funda o erótico é uma construção cultural, tanto quando o ditame que regulamenta o seu oposto. Por esse motivo, reconstituir o *horizonte* prospectado pelo enredo de “Buriti” se torna igualmente necessário, para que se descortinem as problemáticas que terminam por fazer de sua tessitura o “cotidiano elevado à poesia”, uma obra “*contra* o público brasileiro — [e] desse modo [pôde] surgir algo completamente inesperado, pressentido, mas não considerado possível.” (ROSA, 2003, p. 226-7)⁴

Partindo-se dessas reflexões, respaldadas pelos postulados de Jauß e Bataille, a exposição subsequente leva em conta a proposta formal de divisão da novela, feita pelo próprio Guimarães Rosa, em três grandes blocos, nos quais a voz do narrador, em estilo indireto livre, se imiscui à das personagens, e, pela convergência de seus pontos de vista, faz retroagir sobre o expectador, num primeiro momento, principalmente as ações decorridas durante o percurso que culmina com a estada de Miguel na fazenda do Buriti Bom, onde conhece Maria da

⁴ Seguindo a mesma linha argumentativa proposta por Meyer-Clason, e em consonância com os estudos jaussianos, para um trabalho de maior fôlego acerca da noção de *quebra do horizonte de expectativa* em “Buriti”, cf. MILHOMEM, Nelma Silva. *Imagens do patriarcado em “Buriti”, de Guimarães Rosa*. Belém, 2008. 103 p. Dissertação de Mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade Federal do Pará.

Glória, filha de Iô Liodoro. É nessa série causal de movimentos temporais entre a saudade e a recordação que os anseios eróticos mais recônditos de todos se deixam entrever.

II

Circunscrita sob a égide da memória, “Buriti” se desenvolve a partir das lembranças de Miguel, como que num monólogo interior, no qual o elo que ata suas reminiscências se liga aos estratos mais sensíveis de sua percepção acerca da natureza e dos componentes que a ela remetem, os quais, sobremaneira nas noites do sertão, ganham um corpo de rumor que se perfaz como a necessidade pela descoberta dos seres que a formam⁵. É assim que os meandros de sua vivência sentimental, em um trânsito pendular entre a dúvida do presente — a esperança de ser bem acolhido pelos moradores do Buriti Bom, ao retornar para onde este, um ano antes, esteve — e a imagem do passado, mediada pelos murmúrios do ambiente, são evocados.

Na circunstância em que o pensamento de Miguel traz à baila a cena de abertura daquele que foi o serão de sua despedida de Maria da Glória, um ano antes de sua volta, é o barulho do monjolo — um engenho rudimentar, movido pelo intervalo contínuo do encher das águas em seu suporte — que põe em evidência não só a apreensão do inaudito, mas a verbalização do erótico. Dotado de forte conotação sexual, é o som desse instrumento que dá acesso tanto às primeiras impressões do rapaz, e, conseqüentemente, às do leitor, relativas aos habitantes do lugar, quanto às representações gerais dos interditos relacionados ao matrimônio.

De repente, reconheceu, remoto, o barulhinho do monjolo.
De par em par de minutos, o monjolo range. Gônzeia. Não se

⁵ “Não dilatava, bastando a gente guardar um pouco o silêncio, e o confuso de sons rodeava, tomava conta. Como a infância ou a velhice — tão pegadas a um país de medo. Miguel, sem o saber, sentia afastadas coisas, que se ocultavam de seu próprio pensamento. [...] O certo, que todos ficavam escutando o corpo de noturno rumor, descobrindo os seres que o formam. Era uma necessidade. O sertão é de noite. Com pouco, estava-se num centro, no meio de um mar todo.” Cf. ROSA, 1956, v. 2, p. 625-6. [Foi mantida a grafia do autor]. Vale lembrar que, após a terceira edição de *Corpo de baile* (1964-1965), “Buriti”, ao lado de “Dão-Lalalão”, passa a integrar um volume autônomo, nominado de *Noites do sertão*.

escuta sua pancada, que é fôfa, no arroz. Êle está batendo, todo o tempo; eu é que ainda não tinha podido notar. Dona Lalinha é uma linda mulher, tão môça, como é possível que o marido a tenha abandonado? [...] Sôbre o delicado, o vivo do rosto, tão claro, os lindos pés, a cintura que com as duas mãos se abarca, a bôca marcada de vermelho forte. Comigo, ela quase não fala. Evita conversar, está certo, na situação dela. Tem de ser mais honesta do que tôdas. Todo o mundo tem de afirmar que ela é honesta, direita. Sempre uma mulher casada. Mulher de iô Irvino, cunhada de Glória, de Maria Behú. (ROSA, 1956, v.2, p. 627-8)

Contudo, as determinações de uma proibição culturalmente legitimada são menos impostas pelo seu caráter social do que por um parâmetro interno, que a moral coletiva ampara. Transgredir, sob essa ótica, é mais do que tão somente suspender a disposição de espírito que ao impulso de subverter se opõe. Para além disso, e na tensão entre o momento em que a lei ainda atua e o fator que resulta de um ato de sublevação, é a ameaça da *transgressão* que dá ao intelecto o valor do *interdito*, pois, do contrário, se ele for observado, é nula a consciência que dele se tem. Nisso reside a razão de ser da ideia de pecado, “sensibilidade *religiosa*, que liga sempre estreitamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia.” (BATAILLE, 1987, p. 36)⁶

Esse terror que intimida, pelo fascínio que o respeito exerce, comanda, de acordo com Bataille, a contradição da experiência erótica, pois, ao passo que o tabu⁷ seduz, tal modo de atrair não faz, senão, afirmar a constituinte transgressora como o veto transfigurado. Nesse sentido, a admissão do deleite sexual expressa a desautorização de seu contentamento, coexistência simultânea de sua condenação, visto que “[n]unca, humanamente, o interdito aparece sem a revelação do prazer, nem o prazer sem o sentimento do interdito” (BATAILLE, 1987, p. 101)⁸. Daí é que, na mesma situação rememorada por Miguel, quando, pela

⁶ Cf. em francês: «C'est la sensibilité *religieuse*, que lie toujours étroitement le désir et l'effroi, le plaisir intense et l'angoisse.» *Idem. L'érotisme*. Paris: Le Éditions de Minuit, 1957, p. 43.

⁷ Impossível seria não pensar em Freud, quanto às questões que, nesta análise, são primordiais para tratar dos interditos sexuais. Porém, guardando as devidas ressalvas quanto à formulação da terminologia pelo teórico, tal perspectiva, ainda que conveniente aos propósitos de nossa hipótese, demandaria uma discussão em que, considerando os limites espaciais e conceituais de um artigo, aqui não caberia entrar.

⁸ «Jamais humainement l'interdit n'apparaît sans la révélation du plaisir, ni jamais le plaisir sans le sentiment de l'interdit.» *Idem. L'érotisme*. Paris: Le Éditions de Minuit, 1957, p. 118.

última vez, estive a conversar com Glória, na sala jantar, enquanto Lalinha e Lô Liodoro jogavam a bisca, se pode observar mais nitidamente esse desequilíbrio pelo qual “o próprio ser se põe conscientemente em questão.” (BATAILLE, 1987, p. 29)⁹

Eu podia gostar de Dona Lalinha? De Glorinha, eu sei. Imagino Glorinha casada comigo, no mesmo quarto, na mesma cama. Simples, como será, um corpo formoso. Dona Lalinha, não. Se Dona Lalinha se despisse, não sonho como seria. Um corpo diferente de todos, mais fino, mais alvo, côm-de-rosa, uma beleza que não se sabe — como uma riqueza inesperada, roubada, como uma vertigem... Despir Dona Lalinha será sempre um pecado. Eu teria de ter vivido para a merecer — desde a hora do meu nascimento. (ROSA, 1956, v.2, p. 632)

III

Não obstante a voz que predomina a narrativa ser a de Miguel, essa parte inicial da novela também avança sob a ingerência de outros agentes, como Nhô Gualberto Gaspar, aquele com quem o rapaz passa a encetar um longo conciliábulo, que vai desde a sua chegada aos Gerais até a derradeira noite no Buriti Bom, novamente descrita, já de modo sumário. Proprietário da Grumixã, amigo e vizinho de Liodoro, é por seu intermédio que Miguel toma conhecimento da rotina, além de muitos dos detalhes da vida familiar do outro fazendeiro.

Ao mobilizar uma variedade de expedientes retóricos que garantem a desconfiada empatia de seu interlocutor, as ponderações de Gualberto, se, por um lado, versam sobre os pormenores do divórcio de Lalinha, por outro, se detêm mais nos traços que compõem a personalidade do sogro dela. Nessa rede discursiva em que o *interdito* e a *transgressão* se intrincam, outras conexões são surpreendidas, entre elas, a que passa a se estabelecer, pela via da ordem e do mando, com Lô Liodoro,

[...] homem punindo pelos bons costumes, com virtude estabelecida, mais forte que uma lei, na sisudez dos antigos. Sômente que o amor dêle pela família, pelos seus, era uma

⁹ «... l'être se met lui-même en question.» *Idem. L'érotisme*. Paris: Le Éditions de Minuit, 1957, p. 36.

adoração, era vastez. Via disso, de certo, não queria se casar outra vez, depois de tanto que enviuvara. E êle, por natureza, bem que carecia, mais que o comum dos outros, de reservar mulher. Mas prezava o inteiro estatuto de sua casa, como que não aceitando nem a ordem renovada, que para êle já podia parecer desordem. Motivo pelo qual a nora viera para o Buriti Bom, e ali permanecendo. Para iô Liodoro, Dona Lalinha tinha de continuar fazendo parte da família, perante Deus e perante todos. (ROSA, 1956, v.2, p. 639)

Os imperativos da razão, que subordinam a conduta de Liodoro ao limite da obediência às convenções do sistema patriarcal, fazem da sensatez desse esforço calculado, que à recusa da mudança visa, a causa da constância de seu temperamento e da permanência da harmonia ante todos. Porém, subsiste a esse fato uma verdade primeira: a violência que, ao mundo do trabalho, impõe o excesso, a base do erotismo, no qual nada pode ser reduzido a um fim que a consciência cerceia.

Violando a barreira do *interdito*, no limiar de uma duplicidade moral assumida, aceita tipicamente como aquilo que, condizente com a sua condição, dele é o esperado, iô Liodoro em nada diverge do modelo já cristalizado na cultura brasileira de grande latifundiário: um “homem pelo correto” (ROSA, 1956, v.2, p. 660), “um esteio, no legal: essa autoridade! Dentro das paredes de sua casa...” (ROSA, 1956, v.2, p. 670), que, entretanto, possui como amantes as mulheres de seus agregados. Diferente é Gualberto, dono de terras com atenções voltadas mais para as suas posses e para as necessidades que tem por prezar pela continuidade de sua raiz familiar — impossibilitada por ser ele estéril¹⁰, o que, na roça, significa um prejuízo —, pouco se importando com as relações humanas ou com qualquer envolvimento emocional, ausente, por exemplo, em seu casamento com Dona-Dona. O fragmento seguinte explicita o que anteriormente foi dito, quanto a Liodoro.

O que iô Liodoro é, é antigo. Lei dum dom, pelos costumes. E êle tem mesmo mais fôrça no corpo, açôite de viver, muito

¹⁰ “Eu não tenho filhos. Coisa que muito já me entristeceu. Digo mesmo ao senhor: não se ter filho, na roça, é um prejuízo. Agora, quase que já estou acostumado com essa falta. O motivo é meu mesmo, os médicos todos me explicam.” Cf. ROSA, 1956, v. 2, p. 647. Esse dado é de grande importância para as observações que serão feitas *a posteriori*.

mais do que o regular da gente. Não se vê êle estar cansado, presumo que nunca esteve doente. Aqui, confio ao senhor, por bem, com tôda reserva: fraqueza dêle é as mulheres... Conto assim, que, por não saber, o senhor não fique não sabendo. Dentro de casa, compadre iô Liodoro é aquela virtude circumspecta, não tolera relaxamento. Conversas leves. Mas, por em volta, sempre teve suas mulheres exatas. De tardinha, de noitinha, iô Liodoro tem cavalo arreado, sai, galopa, nada não diz. Tem vez, vem só de madrugada. Êsse homem é um poder, êle é de ferro! Dentro de casa, um justo, um profeta. (ROSA, 1956, v.2, p. 649-50)

Mesmo com a modernização do ambiente rural¹¹, antigas instituições de poder continuavam sobrevivendo no sertão. O tipo de coronelismo acima descrito ainda era muito forte. Esse mando exercido, encarado por todos à volta como uma autoridade carismática, é fato decorrente de que, no sertão rosiano, o poder público está ausente, bem como as instituições sociais que garantam direitos civis. Disso advém o rigor do sistema paternalista de proteção das camadas empobrecidas que, como consequência, as submete ao seu poder.

Presente nas falas de várias personagens, sobretudo nesse colóquio entre Nhô Gualberto e Miguel, o patriarcalismo é reforçado e aceito como única condição de garantir a ordem em uns “Gerais” desprovidos, justamente, de instâncias representativas que assegurem os direitos dos que necessitam de mais dignidade. Assim é que certas injustiças sociais, como o adultério de D. Dionéia, esposa do Inspetor, com lô Liodoro, são justificadas pelos benefícios à família do marido traído¹², e, mais uma vez, a face incontinente desse polígamo se desvela.

¹¹ “Buriti” remete-nos a fatos sociais de nosso país ligados ao término da Primeira República, onde as contínuas mudanças sociais se faziam sentir tanto nas configurações quanto na maneira de olhar o ambiente sertanejo, alvo da gradativa inserção do modo de vida urbano e de novas técnicas de produção — valores capitalistas modernos que conflitavam com os híbridos valores mítico-religiosos. Disso vem, por exemplo, o modo como os vaqueiros da propriedade de Nhô Gualberto apreendiam, com “esquisita sutileza”, cada movimento com a desconfiança de que algo “demudava”. Achavam que vacinar bois era “um pecado”, sendo melhor uma “benzedura” — ponto de vista cristão, contudo acreditavam também que a “virtude de raminho verde de planta e mágicas palavras no encoberto” (*Idem, ibidem*, v. 2, p. 645) poderiam resolver o problema.

¹² Algo que, em determinada medida, lembra a *Cuissage*, legitimação do direito do senhor de ter a primeira noite de núpcias com a mulher de seu vassalo. Para uma exposição detalhada sobre o assunto, cf. BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 102 e seguintes. Ver: *Idem. L'erotisme*. Paris: Le Éditions de Minuit, 1957, p. 120.

— “Êpa, o homem é roge, é danado. [...] Sempre cria mulher, por aí perto. Agora, consta de duas. A uma é essa dona Dionéia, o Inspetor... O senhor sabe. lô Liodoro é quem dá a êles o sustento, bota o Inspetor sempre de viagem, por negócios e recados... A outra, é uma mulata sacudida, de muita rijeza. Chamada Alcina. *Aí, basta a gente ver, para se conhecer como as duas são mulheres que têm fomes de homem. lô Liodoro, por sangue e sustância, carece é dessas assim*, conforme escolhe. Ah, essa Alcina, mandou vir. Os olhos, quando ela remira, dão para derreter de longe cêras de abelheira e resinas de árvore... Até no ela comer comida ou doce, o senhor toma impressão que ela está fazendo coisas, o senhor saberá. lô Liodoro, compadre meu, está certo, não divêrjo. *Há-de, êle é viúvo são, sai aos repentos por aí, feito cavalo inteiro em cata de águas, cobra por sua natureza. Garanhão ganhante...* [...]. (ROSA, 1956, v.2, p. 669-70)

IV

A arquitetura narrativa da vivência afetiva de Miguel não é evocada linearmente, mas, entrecortada pela duração experienciada na intensidade de seu sentimento por Maria da Glória. Por isso é que a percepção da natureza confere um sentido último ao lirismo de suas memórias, porque nelas se projeta o seu sertão interno, captação poética do real, no qual a intermitência do *interdito* e da *transgressão* apreende, pelo erotismo, a continuidade do existir, pelo abismo da descontinuidade¹³ que separa os seres. Destarte, também ser por isso a falta de

¹³ Para que seja esclarecido o que se entende por *continuidade e descontinuidade* dos seres, trago o argumento de Bataille: “Se a aproximação dos aspectos objetivos da reprodução com a experiência interior dada no erotismo é possível, é porque ela repousa em uma outra coisa. Há um elemento fundamental: o fato objetivo da reprodução mostra no plano da interioridade o sentimento de si, do ser e dos limites do ser isolado. Ele mostra a descontinuidade à qual se liga necessariamente o sentimento de si porque é ela que dá os limites: o sentimento de si, mesmo vago, é o sentimento de um ser descontínuo. Mas nunca a descontinuidade é perfeita. Particularmente na sexualidade, o sentimento *dos outros*, para além do sentimento *de si*, introduz entre dois ou mais seres uma continuidade possível, opondo-se à descontinuidade inicial. Os *outros* na sexualidade não deixam de oferecer uma possibilidade de continuidade, não param de ameaçar, de propor a colocação de um grampo nas vestes sem costura da descontinuidade individual.” Cf. BATAILLE, 1987, p. 95-6. Grifo do autor. Em francês: «Si le rapprochement des objectifs de la reproduction et de l'expérience intérieure donnée dans l'érotisme est possible, Il repose sur autre chose. Il y a un élément fondamental ; le fait objectif de la reproduction met en jeu sur le plan de l'intériorité le sentiment de soi, celui de l'être et des limites de l'être isolé. Il met en jeu la discontinuité à laquelle se lie nécessairement le sentiment de soi parce qu'elle en fonde les limites : le sentiment de soi fût-il vague est le sentiment d'un être discontinu. Mais jamais la discontinuité n'est parfaite. En particulier dans la sexualité le sentiment *des autres*, au dela du sentiment *de soi*, introduit entre deux ou plusieurs une continuité possible, s'opposant à la discontinuité première. Les *autres* dans la sexualité ne

questionamento a respeito das atitudes de Liodoro, seja pela legitimação local de seu proceder, seja pela compreensão de que seu agir está na ordem de um movimento de vida que o excede.

Na trama, isso se expressa por um recuo temporal ainda maior, para onde confluem as expectativas do momento peremptório de sua relembração do encontro diurno com Glória e o instante da reafirmação sentimental, constatada no impasse entre sua vontade e o adiamento da decisão de regressar ao Buriti Bom¹⁴. O sofrimento, fruto dessa inquietação, em sua origem, se não prolonga no campo da simpatia a afeição dos corpos, serve de introdução à confusão que se instaura no pensamento de Miguel, haja vista que as promessas de alegria não vêm sem a desordem que essa violência, vale repetir, o padecer de amor, acarreta.

Nessa perspectiva, Bataille chega mesmo a asseverar que a ventura de um apaixonado o desestabiliza a tal ponto que a menor possibilidade de gozo futuro chega a ser comparável ao seu extremo inverso, a infelicidade, cuja essência repousa na substituição da natureza descontínua pela continuidade entre os indivíduos. Segundo o autor, na mesma proporção em que o fundamento do contínuo se torna sensível na angústia, à medida que é inalcançável, a segurança de um sentimento no qual a tranquilidade prevalece só pode ser depreendida ao fazer cessar a longa ansiedade que a espera carente precedeu, isso porque “há para os amantes mais chance de não poder se reencontrar longamente do que gozar de uma contemplação alucinada da continuidade [íntima] que os une.” (BATAILLE, 1987, p. 19)¹⁵

cessent d'offrir une possibilité de continuité, les *autres* ne cessent pas de menacer, de proposer un accroc à la robe sans couture de la discontinuité individuelle.» (BATAILLE, 1957, p. 112).

¹⁴ “Dos Gerais, dos campos claros, vinham as boiadas e as lembranças. Maria da Glória se movia bela, tinha uma elasticidade de lutadora. Seu vestido era amarelo, de um amarelo solarmente manchante e empapado, oscilável, tão alegre em ondas, tão leve — como o dos panos que com tinta de pacará se tingem. Maria da Glória ria sem motivo, mas o riso era sério, enérgico. Miguel sabia que podia gostar dela, que ia gostar; mas sofria por indecisão, por um adiamento. *Não há tempo, não há tempo, não há tempo...* — êle se escutava. Querer-bem ao Buriti Bom, aceitar aquela paz espessa. A saudade se formando. Tempo do Buriti Bom se passava.” Cf. ROSA, 1956, v. 2, p. 681.

¹⁵ Cf. o original: «Car il y a, pour les amants, plus de chance de ne pouvoir longuement se rencontrer que de jouir d'une contemplation éperdue de la continuité intime qui les unit.» *Idem*. *L'érotisme*. Paris: Le Éditions de Minuit, 1957, p. 25. [Tradução revista pelo autor deste trabalho]

V

Enquanto aspecto de uma *experiência interior* não totalmente fechada em si mesma — o objeto do erotismo sempre lhe é externo —, o desejo que responde à interioridade do sujeito recai sempre sobre um determinante indizível, mas, sem dúvida, capturável, porquanto inteligível, dos atributos apreensíveis, nesse caso, físicos. Esse dado, por mais próximo que seja do senso comum, no fundo importa porque, sendo a experiência um elemento de comunicação intersubjetiva, mesmo daquilo tido como o mais trivial, a identificação simpática do leitor com Miguel, que vive a incerteza da realização plena de seu amor, faz desse expectador um copartícipe das intempéries do protagonista, como na passagem a seguir:

Melhor, muito em minúcias, me recordo de tudo o mais, depois e antes, na Grumixã, por exemplo, ou na estrada, enquanto viajava com nhô Gualberto. Mas, no Buriti Bom, todos circulavam ou estavam justos, num proceder estabelecido, que esquivava a compreensão. De repente, me preocupei demais com minhas maneiras e palavras. Maria da Glória estava ali. Que sei de Maria da Glória? Todos êstes meses, pensei nela. Sonho seu amavio, o contacto de seus braços, o riso dos risos, o valor dos olhos, e todos os movimentos que serão os dela, durante sua vida inteira. Tanto me acompanha. Seu corpo, que, quanto mais enérgico, prometia maior langor. Ela apareceu. Senti-a futura demasiadamente, já no primeiro encanto, no arroubo do primeiro medimento. Perdi-me no que falamos. Mas, brusca e sábia, ela encorajava minha timidez. Adivinhava-me. (ROSA, 1956, v.2, p. 678)

Em “Buriti”, mais especificamente, na porção inicial do texto, seguido de uma orientação batailliana, pôde-se verificar que, pelo erotismo, via de regra, em sua formulação geral, os interditos que se infringem, ligados à sexualidade e ao corpo, não necessariamente assim o são considerados pelos sertanejos, o que acentua a relevância de uma análise que leve em conta tais marcas identitárias. Ao se excetuarem as ocasiões em que Liodoro é mencionado, em toda essa primeira parte da novela, são inexistentes os registros que atestem o contrário.

Percebeu-se, também, que, tida na qualidade de uma articulação entre a linguagem e o silêncio, o erótico, na trama, exprime-se pelo indelével verbalizar inscrito na memória, em sua correlação com a viagem e o narrar enquanto vivência constitutiva da subjetividade, elaborada como matéria ficcional por meio do ato de rememoração, que nada mais é do que a “retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento” (GAGNEBIN, 2011, p. 3), olvidar esse que não é simples perda de memória, senão recorte que se opõe ao infinito da lembrança.¹⁶

O amor não precisava de ser dito. Maria da Glória ela era cadeiruda e seiuda, com olhos brilhantes e pele bôa e pernas grossas — como as mulheres bonitas no sertão tinham de ser. Tão linda quanto Dona Lalinha. Abraçava-a. Cingia-a pela cintura, ela tinha um vestido amarelo, por cima das roupas brancas. Como um movido em mente, resenha do sofrido por tantas lembranças — que uma, sôzinha, são. *Tudo o mais me cansa...* Maria da Glória tinha encôrho, tinha gôsto, tinha cheiro. Maria da Glória tinha suor e cuspe, como a bôca da gente se enche d’água e o corpo dêle Miguel latejava; como as estrêlas estando. (ROSA, 1956, v.2, p. 697)

Se o erotismo se define pelo segredo e pela solidão, fora da vida ordinária, os signos que tornam essa experiência legível não permanecem separados, de maneira nenhuma: ensejam emoções que, juntas, comunicam a todos o ultrapassar consciente do homem pelo próprio homem, que, ao romper seus limites, derrui as margens que o contornam. Essa atividade humana, em “Buriti”, não simboliza só a passagem do descontínuo ao contínuo, mas se configura como a celebração do baile da vida, movimento do corpo que, na festa,

¹⁶ As anotações memorialísticas benjaminianas nos servem de suporte, pois no texto da *Infância*, no entretítulo **O jogo das letras**, o autor escreve: “Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios, libertaria a língua para arroubos demostênicos, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva.” BENJAMIN, 1995, p. 104-5. Cf. o original, em alemão: Nie wieder können wir Vergessenes ganz zurückgewinnen. Und das ist vielleicht gut. Der Chock des Wiederhabens ware so zerstörend, daß wir im Augenblick aufhören müßten, unsere Sehnsucht zu verstehen. So aber verstehen ir sie , und um so besser, je versunkener das Vergessene in uns liegt. Wie das verlorene Wort, das eben noch auf unseren Lippen lag, die Zunge zu demosthenischer Beflügelung lösen würde, so scheint uns das Vergessene schwer vom ganzen gelebten Leben, das es uns verspricht. BENJAMIN, 1972, v. 4, p. 267.

na dança e na troca dos pares, nega toda forma de isolamento. Transpondo a linha que demarca a fronteira de cada um, o erotismo expande a noção do limite e de sua experiência. É o que, com Lalinha, se verá, mas em uma outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987, 255 p.

_____. **L'érotisme**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957, 310 p.

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Frankfurt: Suhrkamp, 1972, v. 4, 1108 p.

_____. Infância em Berlin por volta de 1900. In: **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho et alii. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71-142.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, 116 p.

MANN, Thomas. **Die verstauchten Köpfe. Eine indische Legende**. Stockolm: Bermann-Fischer, 1940, 230 p.

MILHOMEM, Nelma da Silva. **Imagens do patriarcado em "Buriti", de Guimarães Rosa**. Belém, 2008. 103 p. Dissertação de Mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade Federal do Pará.

ROSA, João Guimarães. **Corpo de baile**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956, 2 v.

Recebido em julho de 2013.

Aprovado em agosto de 2013.

